

ORALIDADE E ESCRITA

1. O texto a seguir mostra como uma criança de aproximadamente 10 anos, ao produzir textos escritos, ora se utiliza de recursos da modalidade escrita, ora de recursos sintáticos e de articulação dos enunciados que são típicos da oralidade. Identifique e transcreva esses recursos.

O urso que sabia voar

Era uma vez um urso selvagem e livre, mas que invejava os pássaros porque sabiam voar. Só que um dia um circo carioca pegou o urso para fazer um show no Rio de Janeiro, mas ele continuava com aquele velho sonho. Um dia ele fugiu do circo, e saiu andando pela cidade, todos que o viam quase morriam de susto. Até que ele olhou pro céu e viu um monte de homens com asa delta e chegou à seguinte conclusão: os homens também voam e ficou fascinado com aquilo, mas continuou a andar até que chegou no alto do pão de açúcar lá tinha vários homens saltando de asa delta mas quando ele chegou perto de um homem o homem saltou sem asa delta (só de medo) aí o urso pegou a asa delta e saltou por aí, muito feliz.

Maria Lucia A. Gnerre

>> O texto a seguir refere-se às questões de 2 a 4.

A praia da frente pra casa da vó

Eu queria surfar. Então vamo nessa: a praia ideal que eu idealizo no caso particularizado de minha pessoa, em primeiramente, seria de frente para a casa da vó, com vista para o meu quarto. Ia ter uma plantaçoãozinha de água de coco e, invés de chão ser de areia, eu botava uns gramadão presidente. Assim eu, o Zé e os cara não fica grudando quando vai dar os rolê de Corcel 1! Na minha praia dos meus sonhos, ia rolar vááárias vós e uma pá de tia Anastácia fazendo umas merenda nervosa! Uns sorvetão sarado! Uns mingauzão federal! Umas vitaminas servida! X-tudo! X-Calabresa Cebola Frita! Xister Mc Tony's e gemada à vontade pros brother e pras neneca! Tudo de grátis! As minas, exclusive, ia idrolatar surfistas chamados Peterson Ronaldo Foca (conhecidentemente como no caso da figura particularizada da minha pessoa, por exemplo). Pra ganhar as deusa, o xaveco campeão seria... o meu: "E aís, Nina (feminina)? Qual teu C.E.P? Tua tia já teve catapora? E teu tio? E tua avó? Uhu!! Já ganhei!!" E se ela falasse: "Vai procurar a tua turma", minha turma estaria bem do meu lado, pra eu não ficar procurando muito!

Exclusive, eu queria surfar, mas na praia ideal dos meus sonho (aquela que eu descreditei, rachei o bico e falei "nooossa!") não haveriam tubarões. (Haveriam porque é vários tubarões!). A "Eu, o Zé e os Cara, Paineleros and Friends Association" ia carregar

o colocamento de placas aleatórias com os dizeres: "Sai fora, tubarão! Cê num sabe quem cê é!". E os bicho ia dar área rapidinho! Cê acha, jovem?! Nós num quer ficar que nem um colega meu, O Cachorrão, da Associação dos Surfistas de Pernambuco, umas entidade sem pé nem cabeça! Então vamo nessa: na praia dos sonhos que eu falei "É o sooonho!", teria menas água salgada! (Menas porque água é feminina!) Eu ia conseguir ficar em pé na minha triquilha tigrada, sair do back side, subir no lip, trabalhar a espuma, iiihaa!! Meus pés ia grudar na parafina e eu ia ficar só lá: dropando os tubos e fazendo pose pras tiete, dando umas piscada de rabo de olho e rasgando umas onda de 30 metros (tudo bem, vai! Um metro e meio...). Mesmo sem abrir a boca, eu ia ser o centro das atenções e os repórter ia me focalizar com neon, luz estetoscópica robotizada e uns show de raio lazer!! De 18 concorrentes, eu ia sagrar décimo sétimo, porque um esqueceu a prancha. (Tamém, o cara marcou!) E as mina só lá: "Uhu!! Foca é animal!! Focaliza o Foca!! O cara é o próprio galã de Óliud!".

Exclusivamente, eu queria surfar, daí os carinha da República me pediram pra falar na revista, a vó tirou um pelo de mim: "Cê nunca vai falar na revista, Peterson Ronaldo!" Daí eu falei: "Artigo?? Eu? É comigo? Tá limpo!". Eu já apareço no rádio! Porque eu não posso falar na revista?! Então vamo nessa de novo: eu queria pensar, mas eu nem tô ligado nesses lance de utopia... Dormir na pia... Supermetropia! Esses lance aí quem pensa é o Zé! Eu queria escrever! Em súmula: eu parei de pensar, agora eu só surfo! Consequentemente, Peterson Foca.

Peterson Foca, personagem "cult" de Sobrinhos do Ataíde, programa que revolucionou o humorismo do rádio brasileiro. O programa Sobrinhos do Ataíde, criação de Felipe Xavier, Marco Bianchi e Paulo Bonfá, era veiculado pela rádio 89,1 FM de São Paulo.

República. Ano 1, n. 2.

Como você pode notar, a partir das informações dadas sobre o texto acima, a personagem Peterson Foca é um trabalho de criação baseado numa representação, feita pelos *Sobrinhos do Ataíde*, de um determinado tipo de surfista cujo uso da linguagem provoca o riso. O texto é, portanto, um exemplo interessante de manipulação da linguagem com o objetivo de provocar um efeito de sentido especial: o humor.

2. Identifique, no texto, os trechos em que a própria personagem, Peterson Foca, faz observações sobre a linguagem que usa. O que os autores do texto pretendem sugerir com essas observações?
3. De que recursos formais valem-se os autores para provocar, no leitor, o efeito humorístico pretendido?
4. Existem três momentos em que os autores procuram representar na escrita características fônicas (relativas aos sons) que os enunciados adquirem em certos contextos. Transcreva os enunciados em que isso ocorre e explique o que os autores procuraram representar com o recurso utilizado.

5. Com base no que estudou sobre a relação entre a fala e a escrita, identifique um equívoco nas informações apresentadas no texto a seguir.

Algo mais

Já está provado, desde a década de 70, que, embora os bebês só comecem a falar por volta dos 12 meses, desde os quatro dias de idade já são capazes de distinguir as sílabas, ou, melhor dizendo, os sons correspondentes a sílabas, chamados fonemas.

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 153, jun. 2002. (Fragmento).

- ▶ Transcreva o trecho em que o equívoco linguístico ocorre.
 - ▶ Explique em que consiste tal equívoco.
6. Qual a relação existente entre os textos 1 e 2 transcritos a seguir e as considerações feitas até aqui sobre a escrita e a leitura na vida das pessoas em uma sociedade letrada?

Texto 1

Os brasileiros vão enfrentar no mercado de trabalho uma crescente concorrência vinda de fora. As empresas que estão indo para o Brasil estão levando junto um grau de cobrança com o qual a maioria dos brasileiros jovens não está acostumada, inglês, matemática, computador são o bê-a-bá. Os jovens profissionais têm de, além disso, tentar aprender a se comunicar por escrito de modo claro e lógico.

ALCÂNTARA, Eurípedes. *Veja*. São Paulo: Abril, 11 dez. 1996. (Fragmento).

Texto 2

Representantes dos 26 milhões de analfabetos do País, muitos reprovados [candidatos a vereador submetidos a uma prova de português por um juiz eleitoral na cidade de Registro/SP] já atuam como vereadores há bastante tempo, aprovando e rejeitando leis sem sequer saber o que elas significam exatamente ou no que vão interferir na vida dos habitantes de uma cidade. "O fato de não saber ler, de não compreender o que está lendo ou não interpretar direito uma lei leva a uma série de situações absurdas que encontramos nas legislações municipais", afirma o juiz Caramuru Afonso Francisco [...] que reprovou oito dos 36 candidatos que chamou para exame.

OLIVEIRA, Malu de. *IstoÉ*. São Paulo: Três. (Fragmento).

- >> Leia o texto a seguir e responda às questões de 7 a 11.

A regreção da redação

Semana passada recebi um telefonema de uma senhora que me deixou surpreso. Pedia encarecidamente que ensinasse seu filho a escrever.

— Mas, minha senhora — desculpei-me —, eu não sou professor.

— Eu sei. Por isso mesmo. Os professores não têm conseguido muito.

— A culpa não é deles. A falha é do ensino.

— Pode ser, mas gostaria que o senhor ensinasse o menino. O senhor escreve muito bem.

— Obrigado — agradei —, mas não acredite muito nisso. Não coloco vírgulas e nunca sei onde botar os acentos. A senhora precisa ver o trabalho que dou ao revisor.

— Não faz mal — insistiu —, o senhor vem e traz o revisor.

— Não dá, minha senhora — tornei a me desculpar —, eu não tenho o menor jeito com crianças.

— E quem falou em crianças? Meu filho tem 17 anos.

Comentei o fato com um professor, meu amigo, que me respondeu: "Você não deve se assustar, o estudante brasileiro não sabe escrever". No dia seguinte, ouvi de outro educador: "O estudante brasileiro não sabe escrever". Depois li no jornal as declarações de um diretor da faculdade: "O estudante brasileiro escreve muito mal". Impressionado, saí à procura de outros educadores. Todos me disseram: acredite, o estudante brasileiro não sabe escrever. Passei a observar e notei que já não se escreve mais como antigamente. Ninguém mais faz diário, ninguém escreve em portas de banheiros, em muros, em paredes. Não tenho visto nem aquelas inscrições, geralmente acompanhadas de um coração, feitas em casca de árvore. Bem, é verdade que não tenho visto nem árvore.

— Quer dizer — disse a um amigo enquanto íamos pela rua — que o estudante brasileiro não sabe escrever? Isto é ótimo para mim. Pelo menos diminui a concorrência e me garante o emprego por mais dez anos.

— Engano seu — disse ele. — A continuar assim, dentro de cinco anos você terá que mudar de profissão.

— Por quê? — espantei-me. — Quanto menos gente sabendo escrever, mais chance eu tenho de sobreviver.

— E você sabe por que essa geração não sabe escrever?

— Sei lá — dei com os ombros —, vai ver que é porque não pega direito no lápis.

— Não senhor. Não sabe escrever porque está perdendo o hábito da leitura. E quando o perder completamente, você vai escrever para quem?

Taí um dado novo que eu não havia considerado. Imediatamente pensei quais as utilidades que teria um jornal no futuro: embrulhar carne? Então vou trabalhar num açougue. Serviria para fazer barquinhos, para fazer fogueira nas arquibancadas do Maracanã, para forrar sapato furado ou para quebrar um galho em banheiro de estrada? Imaginei-me com uns textos na mão, correndo pelas ruas para oferecer às pessoas, assim como quem oferece hoje bilhete de loteria:

— Por favor, amigo, leia — disse, puxando um cidadão pelo paletó.

— Não, obrigado. Não estou interessado. Nos últimos cinco anos a única coisa que leio é bula de remédio.

— E a senhorita não quer ler? — perguntei, acompanhando os passos de uma universitária. — A senhorita vai gostar. É um texto curioso.

— O senhor só tem escrito? Então não quero. Por que o senhor não grava o texto? Fica mais fácil ouvi-lo no meu gravador.

— E o senhor, não está interessado nuns textos?

— É sobre o quê? Ensina como ganhar dinheiro?

— E o senhor, vai? Leva três e paga um.

— Deixa eu ver o tamanho — pediu ele.

Assustou-se com o tamanho do texto:

— O quê? Tudo isso? O senhor está pensando que sou vagabundo? Que tenho tempo para ler tudo isso? Não dá para resumir tudo em cinco linhas?

NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista e outras crônicas*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

(Para gostar de ler, v. 15).

7. O autor do texto acima surpreende-se com o fato de várias pessoas afirmarem que “o estudante brasileiro não sabe escrever”. Como pode ser entendida essa afirmação e de que maneira está relacionada à leitura?
8. O título sugere que o problema da escrita pode ser atribuído à dificuldade, demonstrada por muitos falantes, com um aspecto específico da representação escrita da língua.
 - ▶ Que aspecto é esse?
 - ▶ O que, no título, permite identificá-lo?
 - ▶ É possível atribuir apenas a esse aspecto a dificuldade que os jovens demonstram ter em relação à escrita?
9. O autor afirma que, pelo fato de as pessoas não saberem escrever, seu emprego estaria garantido. Por que ele chega a essa conclusão?
10. Qual o equívoco, apontado pelo amigo, do raciocínio do escritor?
11. Concordando com o amigo, o escritor passa a imaginar situações que confirmem essa perspectiva.
 - ▶ Quais são elas?
 - ▶ Tais perspectivas podem, de fato, vir a se concretizar? Há, na realidade, algo que confirme essas possibilidades?